

Questão de imagem

Economia - Brasil

JOÃO EMÍLIO FALCÃO

O jornalista Mike Royko propôs, em sua coluna no **Chicago Sun Times**, que fossem enviados para a Amazônia de dez mil a vinte mil criminosos americanos em troca da dispensa de alguns milhões de dólares da nossa dívida externa. Argumentou que o contribuinte americano não pode ficar sustentando criminosos e que se eles dessem muito trabalho nossos guardas poderiam comê-los.

O Deputado Michio Watanabe, ex-Ministro das Finanças do Japão, disse ontem, no gabinete do presidente da Câmara, Deputado Flávio Marcílio, que não comprehende como um país das nossas potencialidades esteja em precárias condições financeiras. Ele gostaria que o Brasil evitasse desperdícios e administrasse sua economia com racionalidade.

O auxiliar de um banco francês resolveu imitar o seu Generalíssimo e criticou as nossas autoridades financeiras, conselhando a que ninguém nos empreste dinheiro porque não pagaremos as dívidas etc. A Primeira-Ministra da Inglaterra teria dito que não somos um país sério, o que depois foi desmentido, mas sem a ênfase necessária. E até mesmo o dono da Líbia, o Coronel Kadhafi, resolveu insultar-nos.

Não importa o nível dos autores dessas afirmações. Se tivéssemos de analisá-los encontrariamos no Sr. Mike Royko provavelmente um cidadão tão característico de certo nível da cultura americana que é compreensível sua ignorância, pois sugere que os presos apanhem cocos na Amazônia. O Coronel Kadhafi é, também, uma

personalidade assaz conhecida para que nos preocupe.

O que, porém, não podemos esconder é a imagem que estamos tendo no mundo. Os desacertos de nossa política econômica estão levando-nos a uma posição de descrédito, incompatível com nossas tradições e inaceitável para o orgulho nacional. Não somos uma cubata qualquer para servir de zombaria, simplesmente porque estamos sendo vítimas da exploração de alguns países e banqueiros internacionais, que aumentaram seus juros unilateralmente.

Há muitos anos, quando era adolescente, a revista **Life** apanhou um menino na favela carioca e fez dele um símbolo dos subdesenvolvidos brasileiros. Foi uma exploração degradante da pobre criança, que retornou ao Brasil, anos depois, transformado, meio-americano, meio-carioca. A revista **O Cruzeiro**, que era de altíssimo nível, respondeu a **Life** publicando algumas matérias sobre os porto-riquenhos em Nova Iorque, se não me engano. Eles viviam em condições piores que os habitantes de nossas favelas.

Está na hora de reagirmos a quantos tentem nos humilhar como Nação, sejam representantes do FMI ou um auxiliar de qualquer banco. O Brasil não é, infelizmente, o país mais rico do mundo. Contudo, nada devemos a qualquer outro povo em termos de dignidade nacional. A nossa civilização, que é recente, tem méritos incontestáveis, exemplos de grandeza humana que não podem ser esquecidos.

CORREIO

Os nossos valores não são os materiais. Que nos adianta ostentar um rico Produto Interno Bruto se não somos capazes de respeitar nossa própria família? Nossos valores são espirituais, fundados na concepção de que o homem é a essência da vida. Não nos adiantará ter um exército poderoso se não vivermos em liberdade.

Os Estados Unidos podem ser hoje riquíssimos, mas continuam a ser o mesmo país que foi capaz de matar Abraham Lincoln porque defendeu a libertação dos escravos. Mike Royko não é um exemplo isolado e a esta altura milhares de americanos estarão pensando que a solução para seus criminosos é a Amazônia, onde poderão ser comidos. A diferença entre nossas civilizações é que lá eles glorificaram o General Custer, aqui nós amamos o Marechal Rondon.

As dificuldades econômicas são superáveis com o tempo, mas as deficiências de moral permanecem através dos tempos. O auxiliar do banco não se recorda que seu país teve momentos extraordinariamente gloriosos, mas, também, foram os educados e civilizados franceses que perpetraram a Noite de São Bartolomeu. O ex-Ministro Watanabe pode expressar livremente sua opinião em pleno Congresso Nacional, onde foi recebido com honra pelo muito que nos liga ao Japão, aos japoneses que hoje são brasileiros. Por esta amizade ninguém lhe lembrou Pearl Harbor, episódio definido por Roosevelt como o Dia da Vergonha.

Nós, brasileiros, não temos do que nos envergonhar.